



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

**"COMO O ABORTO
FOI VOLUNTÁRIO,
NÃO ENCONTRAM
NINGUÉM QUE
COMPREENDA O LUTO"**

MARIA JOSÉ VILAÇA
PSICÓLOGA, VINHA DE RAQUEL

P. 04-05

OPINIÃO

Vítimas da indiferença

CARLA RODRIGUES

ADVOGADA

Joana, Vanessa, Valentina, Verónica e Jéssica... Repito os nomes em tom baixinho. Envergonhada. Numa prece. Muitos outros nomes podiam estar aqui. São nomes com rosto e rostos sem nome, com sorrisos puros, com inocência plasmada no olhar, com sonhos por viver mas, também, com muita dor no semblante e com muitos gritos mudos que nos recusámos a ouvir. São crianças, meu Deus, são crianças! Crianças que sofreram horrores às mãos dos adultos, na sua maioria adultos com um dever especial de protecção, de cuidado, de auxílio, de amar. Crianças que nasceram, como todas as outras crianças, para serem felizes, para crescerem em segurança, para aprenderem, para brincarem, para amarem e serem amadas, mas que foram vítimas de crimes hediondos. Crianças vítimas da cobardia humana, da maldade, da falta de tudo o que forma e compõe os valores da humanidade. Crianças vítimas da (nossa) indiferença. Crianças que em vez de receberem colo receberam tarefas, em vez de receberem mimos receberam violência, em vez de receberem lições de amor receberam lições de ódio. São crianças assassinadas.

Quando uma criança morre vítima de maus-tratos, ninguém fica indiferente. Encolhemo-nos e baixamos o rosto, conscientes da nossa insignificância. Vestimos o luto da dor e da vergonha, assumindo a nossa quota de responsabilidade. A cada criança que nos morre assassinada, um pouco de nós morre também. E de nada vale tentarmos imputar a responsabilidade, em exclusivo, ao Estado, acusando-o, de dedo em riste, de falhar na obrigação de garantir a segurança das pessoas, especialmente, como é óbvio, dos mais vulneráveis, as nossas crianças, numa tentativa de afastar de nós qualquer margem de co-responsabilidade. Somos nós que temos de denunciar, de testemunhar e até de insistir, se necessário for. É urgente que encaremos a responsabilidade da sociedade (a NOSSA responsabilidade) na defesa dos mais frágeis, estando atentos aos sinais, vigilantes, denunciando, chamando as autoridades, reportando os casos que nos rodeiam. São milhares de crianças em risco, que têm família, vizinhos, professores, colegas de escola, catequistas, padres e assistentes sociais, inseridas numa rede de apoio social, escolar e de saúde, mas que, aparentemente, são invisíveis. É difícil acreditar quando dizem que ninguém viu nada, que ninguém ouviu nada, que ninguém suspeitou de nada. Estas crianças não viviam isoladas da comunidade. Eram vistas na rua, iam com os pais ao café, ao supermercado, ao quiosque, à escola ou ao médico.

Uma das vítimas mais recentes é a Jéssica, com 3 anos. Vítima da “ama” e sua família, da mãe, do pai, do padrasto, da avó, dos vizinhos, e porque não vítima também de alguns órgãos de comunicação social que fizeram uma cobertura vergonhosa, manipuladora e exploradora à custa do sofrimento humano, à custa da morte de uma criança.

Vamos continuar a deixar morrer as nossas crianças às mãos da cobardia, da maldade e da (nossa) indiferença? Até quando?

INTERNACIONAL

Minorias religiosas enfrentam crescente perseguição digital

© CNS PHOTO/ARI JALAL, REUTERS

Um relatório da instituição de caridade Open Doors alertou que as minorias religiosas enfrentam uma “existência Orwelliana” sob crescente perseguição digital.

A instituição diz que a tecnologia de vigilância e a monitorização das redes sociais pelos Estados foram combinadas com censura e desinformação em plataformas digitais para atingir minorias religiosas.

A Open Doors, que faz campanha pelos cristãos perseguidos em todo o mundo, publicou o relatório em parceria com as universidades de Birmingham e Roehampton.

“Observamos como multidões e grupos terroristas em todo o mundo estão a fazer uso de plataformas digitais para aumentar o seu controlo sobre as minorias religiosas”, disse David Landrum, director de advocacia e média da Open Doors UK.

“O mais chocante de tudo é que os governos estão a fechar os olhos a isto, ou até mesmo a incentivar activamente o comportamento violento e opressivo”.

O relatório cita o uso extensivo de tecnologia de vigilância pelo governo chinês para atacar comunidades religiosas e o papel da desinformação online em fomentar a hostilidade contra as minorias na Índia.

Também observa o crescimento da perseguição digital noutros países da África e da Ásia Central, como Myanmar, onde se espalham histórias online a culparem cristãos e outras minorias pela disseminação da Covid-19. Na Líbia, a monitorização da internet é usada para atingir aqueles que acedem a recursos cristãos online.

Criticando a falta de cobertura da perseguição digital no último relatório de direitos humanos do Foreign, Commonwealth and Development Office, a Open Doors pediu ao governo do Reino Unido que dê prioridade a investigações e acções sobre o assunto. Também recomenda a cooperação com instituições internacionais para estabelecer padrões éticos no desenvolvimento e exportação de tecnologias de vigilância.

Num prefácio do relatório, Sam Brownback, ex-embaixador-geral dos EUA para a liberdade religiosa internacional, adverte que o governo chinês transformou a província de Xinjiang “num laboratório” para a “opressão tecnológica”.

Outras recomendações do relatório incluem pedidos para que empresas digitais e plataformas de redes sociais respondam de forma robusta à desinformação e aos pedidos dos estados por censura e para “defenderem os direitos humanos e as liberdades civis, resistindo a essas exigências de regimes autoritários”.

Leia a notícia completa em www.arquidiocese-braga.pt/revistaimpressainternacional/noticia/34167/



PAPA FRANCISCO

4 DE JULHO 2022 - A existência do homem é um sopro, a sua história é fugaz, mas quem reza sabe que é precioso aos olhos de Deus. #Oração

6 DE JULHO 2022 - Todos os dias Deus passa e lança uma semente no terreno da nossa vida. Fazer crescer essa semente depende de nós, da nossa #oração, do coração aberto com que nos aproximamos das Escrituras, para que elas possam tornar-se para nós a Palavra viva de Deus.

VATICANO

Papa nomeia duas mulheres para comissão de eleição de bispos

O Papa Francisco anunciou a nomeação de duas mulheres para a comissão que nomeia bispos que acompanha o processo de escolha de bispos de todo o mundo, admitindo designar leigas para cargos de liderança, após a reforma da Cúria Romana. "Estou aberto a que surja essa oportunidade. O Governatorato [do Estado do Vaticano] tem uma vice-governador... agora, na Congregação dos Bispos, na comissão para eleger os bispos, vai haver pela primeira vez duas mulheres. Abre-se um pouco, assim", referiu Francisco, em entrevista à Agência Reuters.

Na entrevista, o Papa admite a designação de leigas para liderar Dicasterios como o de Leigos, Família e Vida, da Cultura e Educação ou a Biblioteca Apostólica do Vaticano, "que é quase um dicasterio".

Nos últimos anos, Francisco nomeou, pela primeira vez, uma mulher como "número 2" do Governatorato da Cidade do Vaticano, a irmã Raffaella Petrini; já a irmã Nathalie Becquart foi designada subsecretária do Sínodo dos Bispos, sendo a primeira mulher com direito a voto nas assembleias sinodais.



OPINIÃO

Uma Igreja viva, a desafiar-nos!

DIÁC. FABIAN COFIE, SVD,
M. MENESES, SVD

Pode fazer uma apresentação do seu país?

A República do Gana é um país da África Ocidental, com 238.535 km² e uma costa atlântica de 560 km sobre o Golfo da Guiné. Faz fronteira com o Burquina Fasso, a norte; o Togo, a leste; a Costa do Marfim, a Oeste. A capital e maior cidade é Acra.

E da história também...

Nos tempos pré-coloniais, o Gana foi governado por antigos reinos locais, como os dos Guans, Ewes, Akans e pelo Império Ashanti, entre outros. O comércio dos Akans com os vizinhos tornou-se conhecido pelo valor do ouro. Intensificou-se no período do Império Português (séc. XV a XVII). Em 1874, os ingleses estabeleceram a colónia da Costa do Ouro. O país alcançou a independência do Reino Unido em 1957, com o nome de "Gana" (termo que significa "guerreiro"), por este reflectir o antigo Império do Gana.

Como aconteceu a evangelização?

O início do cristianismo deu-se com chegada dos europeus (1471) e dos primeiros missionários portugueses (1482), que erigiram uma cruz em Sahama. A expansão da fé cristã acompanhou a presença e as atividades coloniais. Os esforços missionários foram sempre prejudicados pelo desenvolvimento do comércio de escravos, enviados ao Brasil e a outros países.

Em 1573, chegaram os padres agostinianos, que construíram um convento e estabeleceram missões em várias localidades. Depois, os capuchinhos, entre 1637 e 1684. A missão de Acra chegou a ter um padre africano de 1679 a 1682. Em seguida, vieram os dominicanos, entre 1687 e 1704. No entanto, os seus esforços iniciais foram seriamente prejudicados por hostilidades tribais, dificuldades culturais, pe-

lo clima e o crescente comércio de escravos. A chegada de protestantes holandeses obrigou os missionários católicos a interromper a sua missão.

E nos séculos seguintes?

A partir de 1842, foi retomada a evangelização, com a Sociedade das Missões Africanas (SMA). Desembarcaram em Elmina (1879-1880). A primeira igreja da capital, Acra, foi construída em 1892. A 8 de dezembro de 1935 foram ordenados os primeiros sacerdotes ganeses autóctones. Em 1892 vieram os Missionários do Verbo Divino; mas foram obrigados a sair, na 1ª Guerra Mundial. Regressaram em 1938. A Congregação tem hoje mais de 100 missionários ganeses e outros tantos enviados para países estrangeiros.

Com cerca de 30 milhões de habitantes, dos quais, 75% cristãos, a Igreja Católica no Gana está disseminada por 20 dioceses. Está bem implementada a Iniciação Cristã de Adultos, com suas etapas de maturação e aprendizagem, das celebrações rituais e da conversão progressiva de vida, requeridas para a recepção dos Sacramentos.

O Gana é um mosaico religioso onde Jesus Cristo pede a todos a prática intensa do ecumenismo e o diálogo inter-religioso: Um desafio missio-

nário mais evangélico e mais apostólico.

O seu crescimento em cem anos revela uma Igreja "viva, dinâmica e rica de iniciativas". Há também um grande compromisso no estudo e leitura da Bíblia e na formação dos agentes pastorais, principalmente os 'catequistas', pois constituem os principais animadores das pequenas comunidades cristãs. Há muitas vocações sacerdotais e religiosas, com resultados em ordenações de muitos padres e profissões religiosas cada ano.

Como caracterizaria a dinâmica pastoral?

Embora relativamente jovem, a Igreja é muito viva porque assente numa base socio-cultural de tipo familiar. A família apresenta-se como a primeira célula eclesial (Igreja em família). Esta dimensão socio-cultural caracteriza, em grande parte, todas as atividades eclesiais.

De facto, muitas comunidades cristãs começaram nalgumas famílias e com ajuda dos "catequistas" (nome dado aos principais animadores das pequenas comunidades cristãs e rurais). Elas crescem já dentro desta dinâmica familiar. É esta "alma" que constrói e sustenta a Igreja, também em grande parte de África.



ENTREVISTA

"NÃO SE PODE FAZER O LUTO DE ALGO ABSTRACTO"

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA)

A 'VINHA DE RAQUEL' É UM PROJECTO RELATIVAMENTE DESCONHECIDO QUE EXISTE NO PATRIARCADO DE LISBOA, RECEBENDO PESSOAS QUE ABORTARAM UMA GRAVIDEZ EM RETIROS DE RECONCILIAÇÃO E PARTILHA. O IGREJA VIVA FOI DESCOBRIR MAIS.

[Igreja Viva] Talvez a Vinha de Raquel ainda seja desconhecida fora do Patriarcado de Lisboa, pelo que começava por lhe perguntar o que é este projecto?

[Maria José Vilaça] Se calhar até dentro do Patriarcado ainda não conseguimos chegar a toda a gente! O projecto surgiu na sequência do primeiro referendo sobre a legalização do aborto, em 1998, quando as pessoas perceberam que era preciso fazer alguma coisa e não apenas dizer não ao aborto, que era preciso ter outras coisas concretas. Duas portuguesas foram aos Estados Unidos ver o que era isto, e trouxeram para Portugal. O que é? Isto foi criado por uma psicóloga americana, chamada Theresa Burke, que quando estava a fazer estágio, ainda a estudar, cuidava de um grupo de mulheres anoréxicas, e apercebeu-se que, na grande maioria delas, havia uma história de aborto por detrás da doença mental. Conversou com o orientador dela sobre isso, e ele disse que a relação entre aborto e doença mental estava mais que sa-

bida e estudada, mas não a aconselhava a explorar esse assunto. É claro que ela foi logo estudar isso e chegou à conclusão que o aborto, como é uma escolha tomada numa situação de grande stress para a mulher, provoca uma coisa que se consegue fazer equivar ao stress pós-traumático, porque a pessoa sente a sua vida ameaçada, nem que seja o projecto de vida que tinha. Isto refere-se à mulher. Normalmente, quando as pessoas falam do aborto, falam do bebé, e a Vinha de Raquel fala da mulher, e do mal que faz à mulher, e até das condições em que a decisão de abortar é tomada. São condições muito aflitivas em que a mulher pensa que, para resolver o problema, o melhor é abortar, e não está a pensar que vai ter outro problema a seguir. Pode acontecer um grande número de sintomas semelhantes ao stress pós-traumático. No fundo são os mecanismos de defesa das pessoas a funcionar, e isto pode acontecer cinco ou vinte anos depois, ou até quarenta. Pode levar a vida inteira com qualquer coisa

que não está resolvida e sem perceber o que é.

A Theresa Burke fez um plano de abordagem terapêutica, psicológica e espiritual que pudesse ajudar as mulheres a lidar com este stress pós-traumático. Inicialmente era um projecto para decorrer em consultas semanais, ao longo do tempo, mas depois chegou à conclusão que era melhor fazer um retiro, algo intensivo, porque era complicado para o processo da cura estar a fazer uma hora de consulta para depois voltar à vida normal e estar sempre nesse ciclo. Aqui em Portugal fazemos isso, fazemos retiros ao fim-de-semana, e no fundo o que se passa é um processo pascal: na sexta-feira é o dia em que as pessoas se reconhecem como pecadoras, independentemente do quê – não se fala ainda do aborto; no sábado já se começa a

falar e depois resolvem-se as questões da culpa, do luto – porque há um luto que precisa de ser feito, e essa parte é das mais importantes –, e resolve-se a questão dos ressentimentos, que normalmente há muitos na vida das pessoas que passaram por isto, nem que seja porque ninguém lhes disse para não fazer, ou porque ao longo da vida foram abusadas, ou porque ao longo da vida foram maltratadas, e isso também é abordado. A nível psicológico, é essa a parte mais importante do retiro, as outras partes são mais psico-espirituais.

[Igreja Viva] Qual é a vossa abordagem ao receber estas pessoas nos retiros?

[Maria José Vilaça] Primeiro falamos connosco. Aliás, o ideal é mesmo é falar em entrevista presencial com todas as pessoas que se propõem a par-

ticipar para as conhecer, saber se é a coisa adequada para elas ou não, para perceber um bocado o que as levou ali – as e os, porque também há homens que se inscrevem. Queremos ouvir a história da pessoa, quando aconteceu, como foi... É importante a pessoa ter com quem falar. Muitas destas pessoas não conseguem encontrar na sociedade ninguém que lhes valide a dor. Como o aborto foi voluntário, não encontram ninguém que compreenda o luto, a culpa, o remorso, tudo isso. Pô-las à vontade para isso e dizer que a mulher está a ser compreendida e acolhida é uma coisa fundamental. E é importante restabelecer a relação com o bebé.

Em geral, neste momento, o retiro está para breve, mas se por acaso acontece ver alguma necessidade, algum tempo que vá até ao próximo re-





Continua a ser um tabu, uma coisa íntima, que mesmo na altura do aborto é vivida no meio de grande segredo. Há uma pessoa que sabe, uma pessoa que acompanha, e mais nada. (...) Talvez em Portugal ainda tenhamos uma consciência mais aberta do que é ser mulher, do que é um bebé e do que é o aborto...

tiro, nós estamos sempre disponíveis e já tem acontecido irmos falando com as pessoas ocasionalmente, para manter a ligação.

[Igreja Viva] E depois é que se inscrevem-se nos vossos retiros.

[Maria José Vilaça] Normalmente as pessoas só se inscrevem quando há uma data anunciada, mas não quer dizer que seja necessariamente assim. Por acaso neste momento a data que está no site não está actualizada, mas as pessoas podem-se inscrever, podem contactar-nos na mesma. Uma das primeiras coisas que surpreende as pessoas é quando eu lhes digo que têm um filho, um filho que está no Céu, e as encorajo a retomar essa ligação com esse filho. Isso é logo meio caminho andado para resolver o problema do luto, porque

ninguém pode fazer o luto se não o conhece, não se pode fazer luto de algo abstracto. Por outro lado, se as pessoas não têm a noção do que é que acontece – e muitas vezes têm noções erradas do que acontece aos bebés não-nascidos, também dificulta o processo da culpa e do luto. Dizer a estas pessoas que o bebé está no Céu e que tem uma única missão que é ajudar a resolver este problema, que não tem desejo de vingança e que já perdoou... Tudo isto abre um caminho.

[Igreja Viva] Como é cada parte do “processo pascal” de que falou no retiro?

[Maria José Vilaça] Na sexta-feira, é tudo centrado na consciência de que todos somos pecadores e que todos procuramos perdão. Não se fala propriamente no aborto a não ser já no fim da noi-

te de sexta, em que vêm um filme e começam a despertar memórias. O filme é muito útil para isso e para perceberem que não estão sozinhas. No sábado é o dia de partilhar as histórias e começa o processo de entregar o seu historial a Jesus. O domingo é o dia da ressurreição, em que é celebrada a missa da ressurreição, em que há uma entrega a Jesus. Os americanos dizem que é como se fosse um funeral, mas eu não gosto de abordar assim a questão, prefiro dizer que é uma cerimónia de abordagem às crianças não-nascidas e acho que resulta mais. São diferenças um pouco culturais.

Agora, as pessoas têm a ideia que vão passar o retiro a ouvir alguém a falar, e não é isso que se passa. Nós temos grupos muito pequenos. Entre os participantes no retiro e a equipa que está a acolher, não queremos ter mais do que vinte pessoas, para haver tempo para todos partilharem em todos os momentos.

Como é que o retiro vai acontecendo? Fazemos exercícios baseados nas Escrituras. Primeiro, lê-se uma passagem – por exemplo, a cura do cego Bartimeu –, depois há uma meditação guiada, em que as pessoas são convidadas a entrarem na cena que foi lida de maneira a colocarem-se no lugar da pessoa que pede qualquer coisa a Jesus. A seguir há um gesto, que pode ser, no caso do cego Bartimeu, a entrega de uma vela. Seguimos este esquema em todos os exercícios. E participa toda a gente, incluindo nós, equipa que está a dinamizar. Por vezes até vêm pessoas que fazem o retiro apenas para perceber qual é a dinâmica, e eu digo sempre que ninguém vem apenas observar, porque todos nós temos coisas para entregar e lutos para fazer. Isto é conduzido por um sacerdote e uma psicóloga ou psicólogo, e os nossos monitores ajudam as pessoas a fazer os gestos, estão atentas às pessoas nos intervalos entre exercícios, vão conversando e ver se está tudo bem.

[Igreja Viva] Que sentimentos é que as pessoas expressam sobre a escolha que fizeram?

[Maria José Vilaça] Normal-

mente as pessoas foram levadas a fazer essa escolha sem qualquer noção do que se estava a passar, especialmente as pessoas mais novas. As pessoas mais antigas tinham noção, mas foram levadas a isso por pressão da família e dos maridos, e de certa maneira demitiram-se da responsabilidade. Depois ficaram com qualquer coisa dentro delas que não ficou resolvida, e também tentamos abordar isso. Não posso dizer que acontece sempre, mas fica qualquer coisa, uma inquietação, e ou acabam com uma depressão que nunca mais se cura, com consumos de álcool, de droga, ou acabam numa grande promiscuidade sexual, sempre à procura de algo que acalme aquela inquietação que têm. Muitas pessoas vêm ter com a Vinha de Raquel porque andavam numa pesquisa na internet à procura de qualquer coisa. Muitas outras pessoas chegam através dos sacerdotes, porque confessam-se sistematicamente do mesmo, não se sentem perdoadas, o que significa que alguma coisa, psicologicamente falando, está a impedir isso. Quando, no sábado, as pessoas contam as histórias, é disso que falamos, da culpa, o que tem que ver com o facto delas próprias não terem conseguido perdoar a alguém. É como se elas dissessem, inconscientemente, que se não são capazes de perdoar, também não podem ser perdoadas. Por isso também falamos das pessoas com quem estão zangadas e precisam de fazer as pazes, o que é muito reparador e parece que abre o coração para aceitar o perdão sacramental.

[Igreja Viva] Existindo resistência das pessoas em admitir que fizeram um aborto, a que é que acha que isso se deve?

[Maria José Vilaça] Em Portugal isso acontece imenso, nos países não tanto. Cá continua a ser um tabu. As pessoas que fazem um aborto têm uma grande preocupação pela confidencialidade, e nós respeitamos muito isso. Hoje em dia pedimos às pessoas para desligar a localização dos telemóveis e não publicarem nada que possa identificar o sítio, e as pessoas ficam muito mais tranquilas com isso tudo. De facto, é espantoso, uma pessoa

chega aos 40 e 50 anos e admite que nunca tinha falado disso a ninguém. Continua a ser um tabu, uma coisa íntima, que mesmo na altura do aborto é vivida no meio de grande segredo. Há uma pessoa que sabe, uma pessoa que acompanha, e mais nada. Esta geração mais nova, que já não tem tanto essa consciência do tabu, por vezes tem muita necessidade de dar testemunho, de dar a cara, e aí sou eu que digo para ter calma e para esperar até ser mais velha e ter família. Isto porque está muito normalizado. Nos Estados Unidos e na Espanha existe uma campanha, ‘No More Silence’, que fazem manifestações em que dizem que abortaram, contam a experiência e dizem que estão arrependidas. Dão testemunho público, nas marchas pela vida e outras situações. Aqui em Portugal isso seria totalmente impensável. As pessoas que poderiam, eventualmente, estar disponíveis para dar testemunho, são muito poucas, e mesmo assim é em ambiente controlado. Continua a ser algo muito privado e tabu. Talvez em Portugal ainda tenhamos uma consciência mais aberta do que é ser mulher, do que é um bebé e do que é o aborto...

[Igreja Viva] Também acolhem pessoas que sofreram abortos espontâneos?

[Maria José Vilaça] As pessoas sofrem muito quando a gravidez é interrompida por razões biológicas, naturalmente. Começaram a pedir-nos para fazer qualquer coisa para essas situações, e eu e um conjunto de pessoas criamos um retiro semelhante à Vinha de Raquel, mas adaptado à situação, chamado Esperança de Ana. E, no tema da pergunta anterior, enquanto ninguém quer falar da Vinha de Raquel, a Esperança de Ana já foi contactada por programas de televisão e não só, há imensa facilidade em comunicar a existência do retiro, vai-se às escolas de enfermagem... A Vinha de Raquel precisava imenso de chegar aí, mas continua a ser um tabu, principalmente porque não querem falar do aborto como uma coisa má quando é provocado, só se não for desejado.

“Escolheu a melhor parte que não lhe será tirada”

XVI DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Juntar aos elementos anteriores (uma imagem de Jesus e um coração) um segundo coração.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Gen 18, 1-10a

Leitura do Livro do Génesis

Naqueles dias, o Senhor apareceu a Abraão junto do carvalho de Mambré. Abraão estava sentado à entrada da sua tenda, no maior calor do dia. Ergueu os olhos e viu três homens de pé diante dele. Logo que os viu, deixou a entrada da tenda e correu ao seu encontro; prostrou-se por terra e disse: “Meu Senhor, se agradei aos vossos olhos, não passeis adiante sem parar em casa do vosso servo. Mandarei vir água, para que possais lavar os pés e descansar debaixo desta árvore. Vou buscar um bocado de pão, para restaurardes as forças antes de continuardes o vosso caminho, pois não foi em vão que passastes diante da casa do vosso servo”. Eles responderam: “Faz como disseste”. Abraão apressou-se a ir à tenda onde estava Sara e disse-lhe: “Toma depressa três medidas de flor da farinha, amassa-a e coze uns pães no borralho”. Abraão correu ao rebanho e escolheu um vitelo tenro e bom e entregou-o a um servo que se apressou a prepará-lo. Trouxe manteiga e leite e o vitelo já pronto e colocou-o diante deles; e, enquanto comiam, ficou de pé junto deles debaixo da árvore. Depois eles disseram-lhe: “Onde está Sara, tua esposa?”. Abraão respondeu: “Está ali na tenda”. E um deles disse: “Passarei novamente pela tua casa daqui a um ano e então Sara tua esposa terá um filho”.

Salmo responsorial

Salmo 14 (15), 2-3a.3cd-4ab.5 (R. 1a)

Refrão: Quem habitará, Senhor, no vosso santuário?

LEITURA II Col 1, 24-28

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Colossenses

Irmãos: Agora alegre-me com os sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta à paixão de Cristo, em benefício do seu corpo que é a Igreja. Dela me tornei ministro, em virtude do cargo que Deus me confiou a vosso respeito, isto é, anunciar-vos em plenitude a palavra de Deus, o mistério que ficou oculto ao longo dos séculos e que foi agora manifestado aos seus santos. Deus quis dar-lhes a conhecer em que consiste, entre os gentios, a glória inestimável deste mistério: Cristo no meio de vós, esperança da glória. E nós O anunciamos, advertindo todos os homens e instruindo-os em toda a sabedoria, a fim de os apresentarmos todos perfeitos em Cristo.

EVANGELHO Lc 10, 38-42

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, Jesus entrou em certa povoação e uma mulher chamada Marta recebeu-O em sua casa. Ela tinha uma irmã chamada Maria, que, sentada aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Entretanto, Marta atarefava-se com muito serviço. Interveio então e disse: “Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe que venha ajudar-me”. O Senhor respondeu-lhe: “Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada”.

REFLEXÃO

A hospitalidade percorre a Liturgia da Palavra deste Décimo Sexto Domingo (Ano C). Um hóspede é uma bênção. Consigo traz uma promessa a comunicar. A hospitalidade está associada à escuta atenta do outro. Sim, discípulo missionário é quem escuta e põe em prática.

“Uma só coisa é necessária”

Deus passa pela nossa vida. Essa é a experiência crente, que se repete ao longo dos tempos, conforme está registado pela tradição bíblica. Uma nota importante: Deus passa como um forasteiro, como alguém a quem se há de acolher com gentileza. Abraão abre a sua tenda e oferece o melhor que tem, aos que aceitam ser seus hóspedes. Impressiona a prontidão e a generosidade referidas no relato do livro do Génesis. Esta atitude é recompensada numa promessa de bênção, no anúncio de um futuro fecundo.

Hoje, Deus continua a passar diante da nossa ‘tenda’ e da nossa ‘casa’. “Uma só coisa é necessária”: acolhê-lo com amabilidade, hospedá-lo no nosso coração. A hospitalidade é contrária ao egoísmo. Acolher é abrir-se ao outro, é assumir o risco da diferença, é preparar-lhe o que temos de melhor, é abdicar das prioridades pessoais para colocar o outro em primeiro plano, é tornar-se dócil para escutar os seus anseios e esperanças, as tristezas e alegrias, abrindo-lhe os ouvidos do coração.

A escuta é uma forma concreta de hospitalidade. Não admira, por isso, que Jesus Cristo a tenha referido como a melhor parte. “Entre os cinco sentidos, parece que Deus privilegia precisamente o ouvido, talvez por ser menos invasivo,

mais discreto do que a vista, deixando consequentemente mais livre o ser humano” (Papa Francisco).

A síntese dos encontros sinodais realizados na nossa arquidiocese assinala a falta de predisposição para a escuta e a proximidade, na vida das nossas comunidades paroquiais. Em vários pontos do documento é também referida a necessidade de valorizar o acolhimento. Por exemplo, a propósito da relação com as famílias: “Demasiadas vezes, o acolhimento e a escuta são condicionados pelo escrutínio à vida das pessoas, sendo o critério de ação o julgamento, a exclusão e a condenação, e não a caridade, o acompanhamento e o respeito pelos diferentes ritmos de caminhar”. “Uma só coisa é necessária”: acolher e escutar com o coração.

Acolher com ternura

O acolhimento é outra das características essenciais da ‘pessoa vitamina’. Hoje, mais do que nunca, precisamos de instaurar a revolução da ternura, a partir do exercício da hospitalidade. É uma atitude que nasce no coração e se torna visível na postura do nosso corpo. Estender e dar as mãos, oferecer um abraço, olhar com simpatia, esboçar um sorriso, estar disponível para escutar com o coração, são alguns dos modos eficazes de praticar o acolhimento e de o demonstrar com ternura. Acolher é inclinar o coração para o outro, é oferecer o ombro, no qual se possa apoiar, para se levantar e prosseguir o caminho. Do mesmo modo, escutar e ser escutado é a maior escola de vida. A felicidade, escreveu o Papa Francisco, “é um pão que se come juntos”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do Domingo XVI do Tempo Comum (*Missal Romano*, 442)

Prefácio: Prefácio VII Dominical do Tempo Comum (*Missal Romano*, 568)

Oração Eucarística: Oração Eucarística II (*Missal Romano*, 658ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Nesta semana, iluminados pelo exemplo de Maria que se coloca aos pés de Jesus para escutar, propomos que cada um se coloque à escuta e à contemplação do Mestre, abeirando-se do Santíssimo Sacramento, ou do sacrário da nossa igreja paroquial.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** *Na casa do Senhor* – M. Simões

– **Ap. Dons:** *Felizes os que habitam na Vossa casa, Senhor* – M. Valença

– **Comunhão:** *Jesus entrou numa aldeia* – A. Cartageno

– **Final:** *Com a bênção do Pai* – J. Santos

Semear caridade

Acólitos

O exercício de um ministério pode ser uma desculpa para estar “entretido” nas celebrações: o sacristão vai para aqui e para ali, o acólito mexe nisto e naquilo, o diácono ajeita e desajeita, o celebrante remexe de novo. A todos Jesus diz: “andas inquieto e preocupado com muitas coisas, quando uma só é necessária”. Por isso tudo deve ser preparado com antecedência para ter o coração disponível para o único necessário.

Leitores

O Evangelho ouve-se de pé em sinal de prontidão e de ressurreição; erguer-se, no Novo Testamento, é sinónimo de ressuscitar. Todavia, grande parte da liturgia da palavra é ouvida sentado, como Maria que estava sentada aos pés de Jesus a ouvir a sua palavra. Estar sentado aos pés do Mestre é a atitude do discípulo que ouve tranquilo, mas também

abdicando de qualquer actividade para além da aprendizagem.

Ministros Extraordinários da Comunhão

O Evangelho pode ser praticamente resumido no vocabulário do acolhimento: “Jesus veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”. A história do acolhimento de Abraão é uma prefiguração desse acolhimento do Verbo de Deus. Indo a casa dos doentes, o MEC é um instrumento do acolhimento que Deus procura na humanidade.

Músicos

Por vezes, o coro é um lugar de mais Martas do que Marias. Todos se atarefam em vez de estarem com a atenção focada na ação litúrgica: o salmista murmura o salmo, o organista entretém-se com as dezenas de botões do órgão, o maestro escolhe os cânticos da próxima semana e os coralistas,

trauteando, tentam acertar as letras com a música. Todos se esquecem de se sentarem serenamente aos pés do Mestre.

Celebrar em comunidade

Admonição à Liturgia da Palavra

Após a oração colecta, será feita a seguinte introdução à proclamação da Palavra de Deus:

Nas leituras que vamos escutar, podemos compreender que Deus está à nossa porta e quer habitar em nós, quer partilhar vida connosco. Escolher a melhor parte significa, por isso, escutar e acolher com docilidade esta Palavra, deixando que ela nos transforme em verdadeiros discípulos, sempre prontos a viver a hospitalidade, especialmente, com os que dela mais necessitam!

Evangelho para a vida

Na hospitalidade que transparece deste Evangelho de São Lucas é essencial realçar o papel da casa,

ou melhor do receber em casa. A casa é o local do abrigo, do refúgio, da proteção. Dela partimos para o mundo, nela reside o “nosso mundo”, as nossas aspirações mais íntimas. A casa é também o local em que a família vive e cresce na sua vocação. Mas as famílias de hoje têm muitas feridas para cuidar. Sabendo que, praticamente em todas as comunidades, encontramos famílias desestruturadas, ou que fogem ao modelo tradicional de família, será que nos apercebemos que devemos encontrar caminhos que permitam acolher essas pessoas na comunidade? Não estarão muitas dessas pessoas ausentes, apenas pela falta de uma atitude, um gesto, ou uma palavra que lhes mostre que a comunidade também vive na hospitalidade?

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Escolheu a melhor parte que não lhe será tirada”

DÉCIMO SEXTO DOMINGO
ANO C - 2022



LABORATÓRIODAFE



NOMEAÇÕES ECLESIASTICAS

Dom José Manuel Garcia Cordeiro, por mercê de Deus e da Santa Sé, Arcebispo Metropolitano de Braga e Primaz das Espanhas:

Perante novas necessidades pastorais e procurando responder às suas exigências, procedo às seguintes nomeações:

— **Padre José da Silva Alves**, dispensado, com a gratidão da Arquidiocese, da paróquia de São João de Cova, Nossa Senhora do Rosário de Louredo e São Martinho de Ventosa, Arciprestado de Vieira do Minho.

— **Padre Fernando Manuel da Costa Machado**, nomeado, com a gratidão da Arquidiocese, Administrador Paroquial de São João de Cova, Nossa Senhora do Rosário de Louredo e São Martinho de Ventosa, Arciprestado de Vieira do Minho, sem prejuízo das suas nomeações anteriores.

Braga e Cúria Arquiepiscopal,
7 de Julho de 2022

† José Manuel Garcia Cordeiro,
Arcebispo Metropolitano

BOM JESUS CELEBRA INSCRIÇÃO NA UNESCO

A Confraria do Bom Jesus do Monte celebra até 9 de Julho três anos de inclusão na Lista do Património Mundial e sete de elevação a Basilica Menor. No dia 7, às 12h, os sinos do Bom Jesus vão tocar em tom festivo. Às 15h10 é assinado o Protocolo de colaboração entre a Câmara Municipal de Braga e a Confraria. Neste dia, no Hotel do Parque,

pelos 15h, decorre a conferência "O Bom Jesus, Património Mundial da Unesco, como construtor de novos caminhos para a paz". No dia 8, às 21h30, "Os Cupertino" dão concerto na Basilica, com entrada livre. No dia 9, também às 21h30 e entra livre, o Coro Académico da Universidade do Minho realiza o concerto de encerramento, nos escadórios do Bom Jesus.

AGENDA Viva

9 JUL
SANTUÁRIO DO BOM JESUS
XX VOZES SOBRE A CIDADE
21H30

10 JUL
SÉ CATEDRAL DE BRAGA
IMPOSIÇÃO DO PÁLIO A D. JOSÉ CORDEIRO
15H30



O tempo é **agora**

UMA CONVERSA COM O PE. MANUEL NEIVA

Terça-feira, 12/07, às 21h

www.dmtv.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

LIVRO DA SEMANA

12,5€

10% Desconto*

TERRA DE DEUS MARGARITA SALDAÑA MOSTAJO

Através de uma linguagem viva e de uma narração cheia de episódios da vida diária, este texto oferece pinceladas certas para revisitarmos a nossa história como terra fértil onde cabem anjos e demónios, escândalo e milagres, êxodo e utopia.

Compre online em www.livrariadm.pt

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 30 de Junho a 6 de Julho de 2022.

Director: Damião A. Gonçalves Pereira · **Coordenação:** Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Flávia Barbosa, João Pedro Quesado) · **Design:** Diário do Minho · **Contacto:** comunicacao@arquidiocese-braga.pt

Comissão de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis

comissao.menores@arquidiocese-braga.pt
913 596 668